Ser amigo(a) crítico de um agrupamento de escolas?! O que é, como é?

Carla Cibebe Figueiredo, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal
carla.cibebe@ese.ips.pt

Palavras chave: Intervenção Prioritária; Perito externo

O estudo

Os Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP) surgem, em Portugal, em dois momentos – TEIP primeira geração (TEIP1) em 1996 e TEIP segunda geração (TEIP2) em 2006/2007 com o intuito de discriminar positivamente escolas integradas em zonas territoriais fortemente afetadas por problemas tais como a pobreza, violência e desemprego. No TEIP1, as escolas apoiadas foram as das periferias urbanas, situadas em bairros com características próximas do *gueto*, assumindo-se a indisciplina e a violência escolar como preocupações centrais (Canário, *et al*, 1999), enquanto o TEIP2 procurou ter no seu cerne a problemática do insucesso escolar. Este deslocamento fez com que o segundo programa integrasse escolas situadas em zonas rurais, em alguns casos no interior do país, cujos problemas não tinham até então grande visibilidade, com exceção ao momento anual da divulgação do *ranking* das escolas, cujos resultados evidenciaram, ao longo dos anos, um grande desnível litoral/interior a nível do sucesso escolar. Para além desta diferença, entre outras, o TEIP2 tem outra característica que nos importa analisar – inclui em cada TEIP a figura do *perito externo*, também designado como “consultor” ou “amigo crítico”, este é (em princípio) escolhido pelas escolas, tanto em função de critérios de mérito profissional e académico como de confiança, proximidade, amizade, etc. Este estudo exploratório deriva, em parte, da nossa própria ação como amiga crítica (TEIP2), contudo os seus resultados, ainda que preliminares, podem interessar a um público mais vasto.

A figura do *amigo crítico* está rodeada de ambiguidade, frequentemente a sua ação, espalhada entre o que a administração e a escola esperam dele, tem dificuldade em construir-se.

Metodologia

Neste estudo exploratório, para além da nossa própria experiência, procedemos à recolha de testemunhos através de entrevista semiestruturada a *amigos críticos* a partir das questões de partida. Entendemos a variabilidade regional como indutora de possíveis diferenças na ação dos *amigos críticos*, uma vez que para além da administração central, também a administração local intervém neste processo. A análise dos testemunhos dos *amigos críticos* permitirá obter respostas que nos conduzirão a um quadro mais consistente e estruturado de questões suscetíveis de aplicação ao universo *amigos críticos* (TEIP2).

Problematização da opção metodológica/recolha/análise de dados

Espera-se obter dados para compreender melhor as relações entre conhecimento e política educativa, nomeadamente o papel dos *amigos críticos* no Programa TEIP2.

Referências

Canário, R.; Alves, N.; Rolo, C. (2000), Territórios educativos de intervenção prioritária: entre a igualdade de oportunidades e a luta contra a exclusão, *in Territórios educativos de intervenção prioritária: construção “ecológica” da Acção educativa*, Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, pp. 139-170.

Ferreira, I. Teixeira (2010). A. Territórios Educativos de Intervenção Prioritária: breve balanço e novas questões. *Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP, Vol. XX, pág. 331-350.*